

### ***O que leva as mulheres ao Paraíso?***

#### ***Um estudo sobre a produção agroecológica na agrovila Paraíso em São Miguel do Gostoso, Rio Grande do Norte, Brasil***

*What Leads Women to Paradise? A study on agroecological production in the agrovila Paraíso in São Miguel do Gostoso, Rio Grande do Norte, Brazil*

OLIVEIRA, Maria do Socorro<sup>1</sup>; SOLER, Marta<sup>2</sup>; BEZERRA, Antonia Geane Costa<sup>3</sup>

Mestra em Agroecologia pela Universidade Internacional da Andaluzia (UNIA).  
<sup>1</sup>Técnica do Núcleo de Educação do Campo e Diversidade (NECAD) – Secretaria de Educação, Cultura, Lazer e Esporte- RN. [Socorro.oliveiras@gmail.com](mailto:Socorro.oliveiras@gmail.com); <sup>2</sup> Professora de Economia Agrária na Universidade de Sevilla e no Mestrado Universitário em "Agroecologia: um enfoque para a sustentabilidade rural" da UNIA. [msoler@us.es](mailto:msoler@us.es); <sup>3</sup> Doutoranda em Agroecologia na Universidade de Córdoba. [antoniageane@gmail.com](mailto:antoniageane@gmail.com)

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** Este trabalho trata da pesquisa realizada com mulheres da Agrovila Paraíso, no município de São Miguel do Gostoso, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. O objetivo geral é compreender o processo de construção de autonomia do grupo de mulheres "Unidas Venceremos". Os objetivos específicos são: compreender o processo de formação, organização e participação em movimentos sociais populares e em outros coletivos, e suas influências na vida das mulheres, sujeitos desta pesquisa e analisar como a participação na feira agroecológica de São Miguel do Gostoso impacta na autonomia desse grupo. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas ocorridas na agrovila ou à distância. Os resultados obtidos permitem afirmar que a organização social e produtiva dessas mulheres gera autonomia, mudança de relações dentro da família, assim como em espaços públicos, reconhecidas como protagonistas na produção com base agroecológica e na construção do feminismo.

**Palavras-chaves:** agroecologia; feminismo; autonomia.

#### **Introdução**

São Miguel do Gostoso fica localizado no Território do Mato Grande, na região litorânea do Rio Grande do Norte, Brasil. O município dispõe de terras aptas para culturas especiais de ciclo longo, aptidão regular para lavouras e para culturas de ciclo curto nas áreas de várzea, terras indicadas para preservação da flora e da fauna e pequena área ao Sudeste, correspondente a Solos Orgânicos Eutróficos, com aptidão regular para lavouras. É um município de clima semiárido, com a população estimada em 10.282 habitantes, com uma área de 431,444 km<sup>2</sup>, localizado no litoral e distante 102 quilômetros da capital do estado, Natal.

Em princípio a associação da Agrovila Paraíso era formada apenas pelos homens, e as mulheres não podiam ser associadas, assim como não podiam participar das reuniões. Apenas *eles* eram tidos como assentados, as



mulheres não. Todas as decisões em relação ao assentamento eram tomadas por *eles*. Mulher aqui não entra. Que paraíso é esse?

Foi nesse lugar, na agrovila Paraíso que se constituiu o grupo de mulheres “Unidas Venceremos”, também chamadas Mulheres do Paraíso. Nesse local, cinco mulheres, na tentativa de dar mais sentido às suas vidas, buscaram alternativas para organização, aumento da renda e autonomia e, para tanto, se embrenham num caminho novo e desafiador, nesse Paraíso. Essas mulheres do campo, além de se organizarem em um grupo de produção, se organizam em redes de sustentabilidade, em grupos de organização de cultura popular, que é também um lugar de encontro do movimento feminista e da economia solidária. Mas, quem são mesmo essas mulheres?

Essas mulher têm uma história pra contar, de bem e sofrimento. Mas o sofrimento se virou felicidade. Eu sinto isso e elas todas sentem. Quem tá ali, sente felicidade. Porque nós somos umas mulher reconhecida, somos umas mulher procurada pela nossa história, pelo nosso trabalho... E minha família reconhece. Ele diz “ali é onde tá minha mãe”. Eu digo pra eles “... eu tô aqui. Amanhã eu não estou!” “Mas aqui é onde minha mãe vivia. Minha mãe vive aqui. (Ciça)

Assim como as pontas de uma estrela, elas são cinco. Têm entre 50 e 70 anos, com nível variado de escolaridade, são casadas, têm filhas, filhos, netas e netos e todas participam do grupo desde sua constituição. No entanto, durante a pesquisa a quinta mulher estava afastada por problema de saúde e, por isso, não foi entrevistada.

Das coisas comuns a todas, a busca pela terra se apresenta de forma marcante. Uma terra onde pudessem viver: plantar, colher, criar filhas e filhos e desfrutar das possibilidades que o campo oferece. Suas famílias viviam da agricultura familiar e elas herdaram o trato com a terra e o costume de plantar nos quintais com as suas mães. Costume continuado quando se casaram e também quando foram morar no Paraíso. Essa experiência contribuiu significativamente para o trabalho com uma horta, com cerca de um hectare, espaço onde as mulheres trabalham e partilham suas vidas.

Primeiramente fez-se necessário todo um trabalho para a recuperação do espaço, que estava arruinado por causa do uso de adubo químico utilizado pelos homens que plantavam no espaço de três hectares. No entanto, as mulheres, com os saberes adquiridos ao longo das suas vidas com as formas tradicionais de produção, no trato com o meio ambiente, na preservação da biodiversidade e na produção sustentável de alimentos e com vistas ao fortalecimento da sua auto-organização, conseguiram recuperar a terra.

É inegável que mulheres no mundo inteiro, para garantir comida, cultivam alimento nos lugares mais adversos e, por isso, se tornaram guardiãs das sementes crioulas e têm cumprido um papel vital para a Segurança Alimentar e Nutricional. Assim como afirma Bezerra (2019, p. 71):

Na agroecologia se encontra um amplo arcabouço de elementos capaz de apoiar processos de transformação do modo de produção e do sistema agroalimentar, insustentáveis, para sistemas sustentáveis, cujos princípios são compatíveis com a construção da segurança



alimentar e formas justas de vida humana e valorizadora dos demais seres vivos.

O modo de vida alicerçado na agroecologia, que garante as dimensões ambiental, social e política (CALLE COLLADO; MONTIEL; SÁNCHEZ, 2009), é exigente porque a base é o cuidado com as vidas, o respeito à diversidade, pelas representações dos corpos, e o zelo pela terra em todas as suas dimensões. Segundo Montiel, Ferre e Roces (2020):

A Agroecologia, por outro lado, é uma alternativa à Revolução Verde que recupera e se baseia no conhecimento tradicional, faz o manejo da biodiversidade com sabedoria e arte e integra aspectos sociais e ecológicos à produção de alimentos. Além disso, a Agroecologia confere autonomia a agricultores e agricultoras, justamente por ser colocada em prática por meio do uso do conhecimento e do saber fazer de quem planta, cultiva e produz alimentos (Artigo em meio eletrônico).

Das justificativas que denotam a relevância acadêmica desta pesquisa, inicia-se apontando o aspecto que compreende-se ser essencial neste trabalho de investigação: a justificativa social. Esta tem a intenção de buscar compreender o emaranhado de um tecido social que perpassa a vida e a ação das mulheres que atuam como protagonistas de um fazer agroecológico e feminista que recupera e se baseia no conhecimento tradicional, faz o manejo da biodiversidade com sabedoria e arte e integra aspectos sociais e ecológicos à produção de alimentos.

Sobre os impactos do trabalho das mulheres na agricultura, em contraponto e como forma de alterar as estruturas Siliprandi (2005) afirma que:

Em muitos lugares o trabalho que as mulheres realizam tem uma importância muito grande para a manutenção da biodiversidade, pois ao fazerem a horta, os pequenos cultivos, ao cuidarem dos animais domésticos, das plantas medicinais, elas estão contribuindo para que esses produtos não se percam (porque guardam sementes, aclimatam novas espécies, transmitem os conhecimentos sobre como utilizar cada produto). (Siliprandi, 2005, p.16).

Ao tornar conhecida a trajetória dessas mulheres, deseja-se que suas histórias e sua contribuição à agroecologia seja ainda mais visibilizada. Elas trilham um caminho diferente daquele que a sociedade determina para as camponesas da agricultura familiar. Associar as discussões sobre agroecologia e feminismo é o que esse trabalho pretende, ou seja, o papel que as mulheres desempenham na Agroecologia numa relação de interdependência e coevolução.

Parte-se do pressuposto de que agroecologia é ciência e forma de vida, é ferramenta de análise de espaço de observação, está vinculada a um projeto contra-hegemônico do agronegócio e, por isso, também significa a possibilidade de construção de outras relações tanto entre os seres humanos, como entre esses e a Natureza. Concorda-se com García Roces e Soler (2010, p. 48), quando afirmam que:



La Agroecología es un enfoque científico que centra su análisis en el funcionamiento y diseño de los agroecosistemas con criterios ecológicos y en la construcción de sistemas agroalimentarios sustentables a través de iniciativas de acción social colectiva. En la búsqueda de alternativas sustentables para la agricultura, la Agroecología torna su mirada hacia los saberes campesinos.

As mulheres protagonizam essa construção quando estabelecem com a natureza uma relação de troca, respeitando os limites, cuidando da diversidade, cultivando alimento saudável, de forma coletiva, trabalhando para si, para suas famílias, para a comunidade, para os animais, na tentativa de manter o equilíbrio e reconstruir o que foi destruído.

### **Metodologia**

O ponto de partida desta pesquisa é a abordagem qualitativa. Com essa abordagem, segundo Bogdan e Biklen (1994), é possível tomar consciência da realidade social investigada sem perder de vista a qualidade dos sujeitos, a situação e a realidade humana intrínseca. Em consonância com os autores acima, Sousa *et al.* (2020) afirmam que a pesquisa qualitativa está centralizada na linguagem. Isso porque, tudo que é dito

[...] é dito para alguém em algum lugar, de algum lugar ou para algum lugar. O desafio para o(a) pesquisador(a) repousa na obtenção de interpretações plausíveis no universo de narrações. Imersa nesse contexto, a pesquisa qualitativa busca a aceitação do pluralismo das formas de relatos” (Souza *et al.*, 2020, p. 1396)

Imersa na realidade concreta, quatro mulheres compõem o universo que compreende as sujeitas da pesquisa. Todas residem no Paraíso e suas casas ficam a poucos metros da horta.

Para a coleta do material de pesquisa, foi utilizado como instrumento a entrevista. Para Ludke e André (2018), a entrevista é uma técnica de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca de um determinado assunto. Do pesquisador ou da pesquisadora essa técnica requer um cuidado especial na sua elaboração, no seu desenvolvimento e na sua aplicação, sem contar que os objetivos propostos devem ser efetivamente delineados, a fim de que se obtenha o resultado pretendido (LUDKE; ANDRÉ, 2018).

Quanto ao tipo de entrevista, escolheu-se a semiestruturada, por se constituir de perguntas abertas, o que permite maior liberdade para acrescentar outras questões ao longo da entrevista, facilitando a interação e aprofundando o debate.

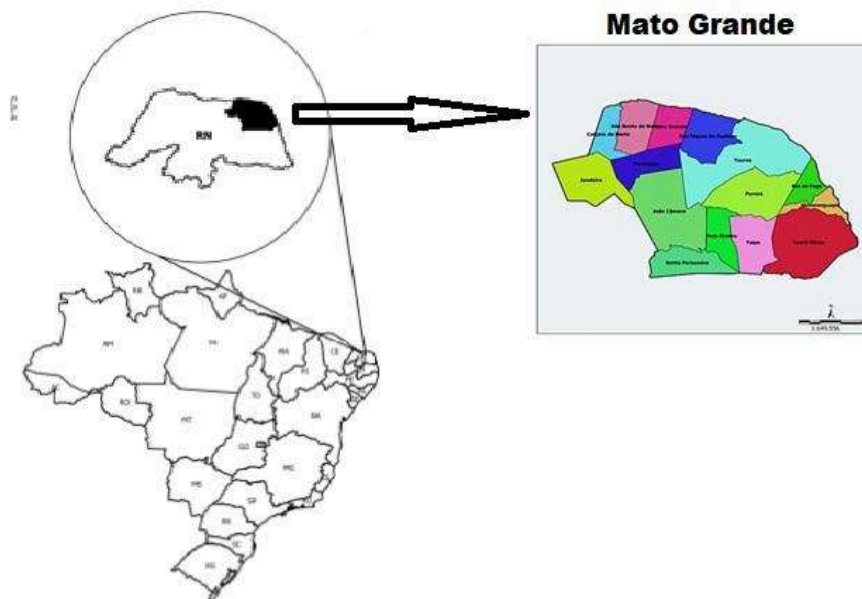
No roteiro das entrevistas, contemplam-se questões sobre quem são as mulheres, o processo de formação e participação no grupo, o significado do projeto produtivo, o envolvimento em redes de comercialização e participação em mais espaços de decisão, o reconhecimento e a autonomia.

As entrevistas, algumas presenciais e outras através de chamadas de vídeo ou pelo celular, foram gravadas, depois descritas. Por causa da pandemia da Covid-19, houve vários contatos via telefone com uma das



componentes, que foi coordenadora no início do processo de formação do grupo, para obter informações mais gerais.

Mapa do Brasil com destaque para o Rio Grande do Norte e o Território do Mato Grande



Fonte: Elaboração da autora a partir de imagens do CGMA/SDT/MDA (2015).

As análises das falas das entrevistadas neste trabalho de pesquisa tiveram um tratamento horizontalizado, ou seja, com o mesmo grau de importância.

### **Resultados e Discussão**

Podem-se destacar alguns resultados: a horta agroecológica, produtiva, com diversidade, saudável, bonita, um grupo de mulheres coesas, felizes, plenas, articuladas com um mercado, com redes sociais e políticas, bem como em grupos domésticos com mais equidade.

Participar da feira agroecológica na sede do município é uma estratégia fundamental para o grupo, considerando que é um espaço múltiplo de aprendizados e relações, pois, além de adentrar no âmbito da comercialização, comumente ocupado pelos homens, criam-se vínculos, cumplicidade entre quem produz e quem consome, além da visibilidade do grupo, que sai de um espaço restrito da comunidade para a Feira do município, carregando, em cada produto, as histórias de luta e de conquistas.

Nas afirmações das mulheres, há aspectos muito importantes a ressaltar: fala-se de dinheiro com ressignificação, colocando-o como ferramenta de uma rede de relações sociais a fim de atender necessidades, que é algo muito diferente do papel do dinheiro na economia de mercado para acumulação, onde é, acima de tudo, uma ferramenta de dominação. Destaca-se, também, que a fala sobre a mudança nas relações de gênero na



feira é complementar à que se refere às mudanças que ocorrem nas relações em casa.

Aqui as mulheres começam a negociar e não só os homens: essa é uma grande mudança em muitos níveis, de autoestima para novas habilidades e atividades, de autonomia material, relacional e de renda. Ao mesmo tempo, fica explícito que a prioridade é o autoconhecimento, o atendimento às necessidades alimentares da família e uma renda complementar obtida pelo excedente vendido.

Fica explícito que sua renda é a mais estável porque é semanal e, portanto, dá segurança ao grupo doméstico. A soberania alimentar é alcançada de duas formas: pelo autoconhecimento e pela renda gerada na feira, que também melhora a atenção às necessidades não alimentares.

São indiscutíveis as mudanças que aconteceram nas vidas dessas mulheres após todo esse processo que tinha como meta a comercialização da produção agroecológica. Elas falam de alimentação saudável para suas famílias e sobre a renda que as coloca em outro patamar dentro das famílias.

### **Conclusões**

O grupo “Mulheres do Paraíso” é protagonista de uma história com muitas dimensões: cada parte é um retalho costurado com um fio forte, colorido, diverso e infinito. A insubmissão são sinais deixados no caminho para que elas não desanimem, continuem a caminhada, e para que outras camponesas se achem para (re)fazer a trilha.

O grupo “Unidas Venceremos” foi constituído, desde o início, com acompanhamento feminista e participação política feminista e consegue mudanças tanto nas relações de gênero, pela participação das mulheres na feira, em espaços públicos, de tomada de decisão e participação social, quanto em alguns aspectos da distribuição do trabalho doméstico. Essas mudanças nem sempre ocorrem sem uma abordagem feminista. Após um tempo de observação e de averiguação, é possível afirmar que a decisão de se organizar em grupo e o processo de formação proporcionaram vários resultados.

A experiência do grupo “Unidas Venceremos” evidencia a centralidade das mulheres na transição agroecológica e na construção da soberania alimentar. E esta pesquisa objetiva dar visibilidade e reconhecer o trabalho e a significativa contribuição desse grupo que, muitas vezes, é desconsiderado e desvalorizado.

Tal importância se dá a partir de duas singularidades: a diversidade da produção deve-se ao conhecimento camponês das mulheres, herdado da sua ancestralidade; por sua vez, o compromisso com o cuidado e a sustentabilidade da vida são componentes de uma agroecologia que diz respeito à equidade de gênero, bem como à participação social e política.

### **Referências bibliográficas**

BEZERRA, Antonia Geane Costa; MONTIEL, Marta Soler; ROCES, Irene García; ZARZAR, Andrea Lorena Butto. Mulheres, Gênero e Agroecologia na Feira de Agricultura Familiar de São José de Mipibu. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**. Ano VIII, volume II, número 15 – Jul – Dez, 2019, pp. 66-97.



BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

CALLE COLLADO, Angel; MONTIEL, Marta Soler; SÁNCHEZ, Isabel Vara. **La desafección al sistema agroalimentario: ciudadanía y redes sociales.** Congreso Español de Sociología de la Alimentación, Gijón 28 y 29 de mayo de 2009.

GARCÍA ROCES, Irene y SOLER MONTIEL, Marta (2010). Mujeres, agroecología y soberanía alimentaria en la comunidad Moreno Maia del Estado de Acre. Brasil. Investigaciones feministas, vol. I.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** Rio de Janeiro: EPU, 2018

SILIPRANDI, Emma. Segurança alimentar nutricional e gênero. In: SOF/ Gênero, Agroecologia e Segurança Alimentar: Interfaces temáticas na prática das organizações sociais. **Anais...** Grupo de Trabalho em Gênero e Agroecologia. Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, Rede Economia e Feminismo – SOF, 2005, pp. 15-18.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020.